

## O MERCADO DOS DUENDES<sup>1</sup>.

Noite e dia as donzelas escutavam  
Os duendes gritar:  
«Venham comprar os frutos do pomar,  
Venham, venham comprar:  
Maçãs e marmelos,  
Limões e laranjas,  
Cerejas vermelhas,  
Damascos, groselhas,  
Melões e meloas,  
Pêssegos tenros de pele de veludo,  
Cachos de uvas de bago tão carnudo,  
Amoras selvagens e ananazes,  
Mirtilos e morangos nos cabazes.  
É vê-los madurar  
No calor do Verão:  
As noites a passar,  
As manhãs a voar;  
Venham, venham comprar:  
As nossas uvas fresquinhas da vinha,  
Romãs sem grainha,  
Pêros, peras raras,  
Saborosos abrunhos e ginginhas,  
Rainhas-cláudias, doces camarinhas.  
É favor de comer:  
Passas, frutos silvestres,  
Bagas de cor azul,  
Figos d'encher a boca,  
Cítrinos lá do Sul,  
Belos de ver, melhores de provar;  
Venham, venham comprar.»

Noite após noite,  
Entre os juncos do rio,  
Laura inclinava a cabeça para ouvir;  
Lizzie corava, tomada de brio;  
Juntinhas, aninhadas,  
Abrigadas do frio,  
De braços dados, lábios selados,  
Faces afogueadas, dedos dormentes:  
«Deita-te ao pé de mim», disse Laura,  
Compondo os belos cabelos dourados,  
«Não devemos olhar para os duendes  
Quem sabe em que terra os frutos cresceram,  
Suas raízes onde é que beberam?»  
«Venham, venham comprar», gritam os duendes  
P'la ravina a coxear.  
«Oh!», gritou Lizzie: «Laura, minha irmã,  
Esses duendes não deves espreitar».  
Lizzie cobriu os olhos,  
Bem os cobriu, com todo o recato;  
Laura ergueu a cabeça tão sedosa  
E sussurrou tal inquieto regato:  
«Oh, Lizzie, olha, Lizzie,  
Os homenzinhos marcham na ravina;  
Um segura um cabaz,  
O outro uma bandeja,  
Outro arrasta uma bela terrina  
De ouro muito pesado,  
Que frondosa não há-de ser a vinha  
De cachos saborosos;  
Que quente não deve soprar o vento  
Nesses ramos formosos.»  
«Não», disse Lizzie, «Não;  
Suas ofertas não nos devem tentar,

Suas prendas do demo mal nos farão.»  
Meteu em cada orelha um dedo tenro  
Cheia de medo largou a correr;  
Laura, curiosa, quis permanecer  
Maravilhada pelos mercadores.  
Um parecia um gato,  
Outro a cauda abanava,  
Outro se escapulia como um rato,  
Outro tal caracol se arrastava,  
Outro como preguiça empoleirava-se,  
Toleirão e felpudo,  
Outro como um ratel  
Corria a passo miúdo.  
E ouviu uma voz doce como o canto  
De pombos arrulhando:  
Pareciam gentis, cheios de encanto  
Nesse instante tão brando.

Laura esticou o pescoço luzidio  
Como um cisne por entre um canavial,  
Como um lírio vergando à beira-rio,  
Como um ramo à lua no choupal,  
Como um barco que anuncia a partida  
Co'a última amarra desprendida.

No vale de musgo rente  
Marchavam os duendes de trás p'rá frente,  
Sempre a apregoar:  
«Venham, venham comprar.»  
Quando chegaram onde Laura estava  
Sobre o musgo se imobilizaram  
Entreolhando-se lubricamente,  
Irmão pr'a irmão macaco;  
E acenando-se mutuamente,  
Irmão a irmão velhaco;

Um o cesto pousou,  
Outro ergueu a bandeja;  
Outro pôs-se a tecer uma coroa  
De galhos, folhas, nozes de silvado  
(não nas vendem os homens no mercado);  
Outro estendeu o peso de ouro  
Da terrina de frutos, p'ra lhe dar.  
«Venham, venham comprar»,  
Diziam a gritar.  
Laura olhou, mas sem nunca se mover,  
Cobiçando, mas sem poder pagar;  
O mercador da cauda,  
De voz adocicada como o mel,  
Incitou-a a provar;  
O da cara de gato ronronou,  
E o de andar de rato saudou.  
Até o do caracol se fez ouvir;  
E um de papagaio estridulou:  
«Duende Lindo», em vez de «Polly Linda»;  
Outro como um pássaro trinou.

Laura, gulosa, apressou-se a dizer:  
«Bons homens, não tenho nenhum dinheiro;  
Tomar seria furtar.  
Não tenho prata nem tostão fagueiro.  
Todo o meu ouro é o tojo juncoso  
Que estremece ao tempo ventoso  
Sobre o louro restolho.»  
«Tens muito ouro na tua cabeça»,  
Responderam os duendes em coro:  
«Paga-nos com um caracol de ouro.»  
Ela cortou uma madeixa sedosa,  
Verteu uma lágrima mais preciosa  
Que uma pérola;

Depois sorveu as polpas  
Dos frutos tão claros e carmesins:  
Como mel do rochedo  
E mais forte que o vinho  
Que aos homens dá folguedo,  
Mais límpido que água o suco escorria,  
Escorria e saciá-lo não podia,  
Por mais que o tempo fosse decorrido.  
Sorveu, sorveu, sorveu  
Os frutos do vergel desconhecido;  
Sorveu até que o lábio lhe doeu;  
E deitou fora as cascas vazias  
Mas de um fruto o caroço guardou;  
E não sabia se era noite ou dia  
Quando a casa sozinha tornou.

Lizzie esperava ao portão  
Com sábias censuras:  
«Querida, não devias tardar tanto,  
Não devem as donzelas  
Andar aí às escuras;  
Nem pelos vales devem passear  
Onde os duendes as vão emboscar.  
Lembra-te de Jeanie,  
Que os achou ao luar,  
Recebeu prendas em variedade,  
De seus frutos comeu, suas flores vestiu,  
De canteiros colheu  
Onde a toda a hora vinga o Estio.  
Às claras todavia se consumia,  
Até enfim definhar;  
Noite e dia os buscava sem parar,  
Sem nunca os encontrar,  
Por fim embranqueceu e adoeceu;